

VOL VI

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2022

VOL VI

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Mauriceia Silva de Paula Vieira Prof. ^a Dr. ^a Patricia Vasconcelos Almeida
Imagem da Capa	Watercolour/shutterstock
Bibliotecária	Janaina Ramos – CRB-8/9166

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil



Prof.^ª Dr.^ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.^ª Dr.^ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.^ª Dr.^ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.^ª Dr.^ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.^ª Dr.^ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.^ª Dr.^ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.^ª Dr.^ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof.^ª Dr.^ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.^ª Dr.^ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P832 Por palavras e gestos: a arte da linguagem VI /
Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira,
Patrícia Vasconcelos Almeida. – Curitiba-PR:
Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-61-3

DOI 10.37572/EdArt_250822613

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva
de Paula (Organizadora). II. Almeida, Patricia
Vasconcelos (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166



APRESENTAÇÃO

O volume VI do livro *“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”* está organizado em torno de três eixos relevantes para os estudiosos e pesquisadores que desenvolvem trabalhos na área da língua/linguagem e suas interfaces. Na sociedade, a presença de variadas tecnologias contribui para que os textos que circulam em diferentes mídias (impressa, eletrônica e digital) se constituam por intermédio da articulação entre linguagens. Cada vez mais, os textos – orais ou escritos, impressos ou digitais, - são multimodais e multissemióticos, isto é, orquestram em sua constituição sons, vídeos, imagens, escrita, cores etc. Essas mudanças contemporâneas nos textos ampliam e modificam as práticas de leitura e escrita, o que exige não só novas práticas de letramentos para que os sujeitos tenham pleno acesso às informações que circulam e as analisem de forma crítico-reflexiva, mas também, novos olhares para o ensino e para as práticas pedagógicas de formação de leitores no espaço escolar. Para além das tecnologias, mídias, leitura e escrita, a sociedade contemporânea presencia a valorização da diversidade cultural, o embate de vozes e o reconhecimento da diferença e da diversidade. Todas essas questões estão permeadas pela língua/linguagem e refletem uma dinâmica sociocultural. *“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”* reúne uma coletânea de artigos cujas temáticas abordadas fornecem ao leitor um campo vasto e profícuo para o diálogo, além de se constituírem como uma leitura instigante que possibilita a construção de conhecimentos.

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

A LINGUAGEM E SUAS CONEXÕES COM AS TECNOLOGIAS E AS COM MÍDIAS

CAPÍTULO 1..... 1

JORNAL POPULAR ACERTA INTERATIVIDADE COM LEITORES PELO WHATSAPP

Beatriz Corrêa Pires Dornelles

Patrícia Pivoto Specht

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226131

CAPÍTULO 2..... 12

IMAGEM EM MOVIMENTO NOS PRIMÓRDIOS DA TELEVISÃO PORTUGUESA ENQUANTO NARRATIVA MUSICAL

João Ricardo Pinto

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226132

CAPÍTULO 3..... 22

ESCRITA DIGITAL: UM ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DA TRANSTEXTUALIDADE NO CIBERESPAÇO

Márcia de Souza Luz-Freitas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226133

CAPÍTULO 4..... 35

UNA LECTURA SEMIÓTICA DE LA REVISTA ARGENTINA *TÍA VICENTA*

María Lourdes Gasillón

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226134

CAPÍTULO 5..... 49

THE EMBODIED VOICE: AN HOLISTIC PEDAGOGICAL PROPOSAL FOR THE SINGING STUDIO

Philip Salmon

Susana Caligaris

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226135

CAPÍTULO 6..... 61

DIFERENÇAS COMUNICATIVAS ENTRE HOMENS E MULHERES – REFLEXOS DE GÊNERO NA IMPRENSA PORTUGUESA

Marlene Loureiro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226136

A LEITURA EM SUAS DIVERSAS NUANCES

CAPÍTULO 7 84

O CONTO NUMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO CRÍTICA PARA ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Antônio Carlos Soares Martins

Cleunice da Silva Lemos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226137

CAPÍTULO 8.....97

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA UNIPAMPA

Isabel Cristina Ferreira Teixeira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226138

CAPÍTULO 9.....107

ENCOBRIMENTOS E (DES)ROSTIFICAÇÕES NOS AUTORRETRATOS DE NINO CAIS

Karine Perez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2508226139

CAPÍTULO 10..... 115

ESPAÇOS DO EXÍLIO EM A COSTA DOS MURMÚRIOS E A ÁRVORE DAS PALAVRAS

Joseane Mendes Ferreira

Cristianne Silva Araújo

Joelma de Araújo Silva Resende

Raimunda Maria dos Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082261310

A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM EM MÚLTIPLOS CONTEXTOS

CAPÍTULO 11.....126

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NO DISCURSO DE TOMADA DE POSSE DE JAIR BOLSONARO (2019): AS MARCAS DO CONSERVADORISMO, DO POPULISMO E DO AUTORITARISMO TRADUZIDAS PELA LINGUAGEM

Dayse Alfaia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082261311

CAPÍTULO 12 148

EDUCAÇÃO, CULTURA E IDENTIDADE AMAZÔNICA: NARRATIVAS POSSÍVEIS

Maria do Perpétuo Socorro Nóbrega Ribeiro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082261312

CAPÍTULO 13..... 161

ESTUDIO PRAGMALINGÜÍSTICO SOBRE LA CORTESÍA EN EL HABLA DE LA REGIÓN DEL EJE CAFETERO EN COLOMBIA

Mireya Cisneros Estupiñán

Gladys Yolanda Pasuy Guerrero

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082261313

CAPÍTULO 14..... 174

(IN) COMPETÊNCIAS DE LINGUAGEM ORAL E PERCEÇÃO AUDITIVA EM CRIANÇAS COM ATRASO DE LINGUAGEM

Márcia Ferreira

Rosa Maria Lima

 https://doi.org/10.37572/EdArt_25082261314

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....185

ÍNDICE REMISSIVO 186

CAPÍTULO 3

ESCRITA DIGITAL: UM ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DA TRANSTEXTUALIDADE NO CIBERESPAÇO

Data de submissão: 13/06/2022

Data de aceite: 29/06/2022

Márcia de Souza Luz-Freitas

Universidade Federal de Itajubá

Instituto de Física e Química

Itajubá – Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0002-7085-3047>

RESUMO: O ciberespaço resulta de inovações tecnológicas cujas aplicações envolvem diretamente a linguagem. A escrita digital transforma as técnicas de produção e reprodução de textos bem como os mecanismos de recepção e atribuição de sentidos. Nosso objetivo é apresentar alguns resultados de nossos estudos acerca do fenômeno da transtextualidade em ambiente virtual. Com metodologia de investigação descritivo-qualitativa, a pesquisa é exploratória e fundamenta-se em bases teóricas delineadas por Auroux, Genette e Landow. Dentre as manifestações transtextuais descritas por Genette – intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, architextualidade e hipertextualidade – a que mais se destaca é a última. Há, entretanto, uma distinção entre a abordagem genettiana e o conceito eletrônico de hipertexto, ligada justamente às peculiaridades do espaço

virtual. Enquanto a primeira presume relação hierárquica entre os elementos, o segundo se constrói pela articulação dialógica sem que se estabeleça hierarquia e barreiras limítrofes entre os textos.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberespaço. Escrita digital. Produção textual. Transtextualidade. Hipertexto.

DIGITAL WRITING: A STUDY ON THE PHENOMENON OF TRANSTEXTUALITY IN CYBERSPACE

ABSTRACT: Cyberspace results from technological innovations whose applications directly involve language. Digital writing transforms the techniques of production and reproduction of texts as well as the mechanisms of reception and attribution of meanings. Our objective is to present some results of our studies about the phenomenon of transtextuality in a virtual environment. With a descriptive-qualitative methodology, the research is exploratory and is based on theoretical backgrounds outlined by Auroux, Genette and Landow. Among the transtextual manifestations described by Genette – intertextuality, paratextuality, metatextuality, architextuality and hypertextuality – the last one stands out the most. There is, however, a distinction between the Genettian approach and the electronic concept of hypertext, linked precisely to the peculiarities of the virtual space. While the first assumes a hierarchical

relationship between the elements, the second is built through dialogic articulation without establishing hierarchy and borderline barriers between the texts.

KEYWORDS: Cyberspace. Digital writing. Text production. Transtextuality. Hypertext.

1 INTERLOCUÇÕES INICIAIS

Nossos estudos baseiam-se em questionamentos sobre as transformações linguísticas no âmbito do uso das novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). A temática tem sido abordada por pesquisadores de vários campos do saber. Entretanto, as práticas sociais de linguagem consequentes da escrita digital ainda são pouco exploradas, embora a era digital venha recebendo bastante atenção de estudiosos principalmente das áreas de educação, linguística, ciências sociais e tecnologias de informação.

Em nossas primeiras incursões nesse campo, buscávamos aliar ferramentas tecnológicas e ambientes virtuais de aprendizagem à formação de professores de língua materna, sobretudo na área de leitura e produção textual. Àquela época, nossa grande preocupação era a dificuldade de leitura e produção dos gêneros textuais que circulam no ambiente acadêmico. Realizamos uma experiência didática, com a criação de *blogs*, cujas etapas e análise dos resultados obtidos foram relatadas em artigo (Luz-Freitas 2009a).

A essa primeira atividade, ainda fortemente vinculada ao ensino de língua materna, somou-se o desenvolvimento de outro estudo em que começamos a analisar a produção textual em ambiente virtual e as transformações na relação autor-texto-leitor (Luz-Freitas 2009b). Essa discussão alargou-se com o acréscimo de contribuições dos interlocutores que encontramos no caminho¹. A partir daí, concentramo-nos mais detalhadamente na análise dos papéis atribuídos, no ambiente virtual, a autor e leitor, nas operações de construção e reconstrução textual. Com essa visão ampliada direcionamos nosso olhar ao conceito de textualidade, que nos encaminhou à transtextualidade.

Vários gêneros textuais têm surgido a partir dos recursos tecnológicos e da diversidade de mídias da atualidade. Assim, nosso enfoque assenta-se na busca de interpretação do que se tem abordado sobre produção textual no ciberespaço, que envolve as tentativas de se compreender a dimensão do texto eletrônico e de se utilizar uma terminologia capaz de abarcar suas especificidades. Definimos como objetivo desta comunicação apresentar alguns resultados de nossos estudos acerca do fenômeno da transtextualidade no espaço virtual, considerando a diversidade das indagações que o objeto tem suscitado e a interdisciplinaridade necessária à sua compreensão.

¹ Em especial, destacamos: a) Prof. Dr. Sérgio Roberto Costa (UFJF – Brasil), cujas observações nortearam a elaboração do projeto; b) Prof. Dr. Ferenc Pál (ELTE – Hungria), que sugeriu a inclusão dos estudos de Genette em nossa fundamentação teórica.

A exposição está organizada em duas partes. Na primeira, discorremos sobre o termo *escrita digital*. Na segunda parte, focalizamos o fenômeno da transtextualidade no ciberespaço.

2 ESCRITA DIGITAL: DO REGISTRO GRÁFICO À EXPRESSIVIDADE TECNOLÓGICA

O termo “escrita”, em sentido restrito, designa o sistema gráfico de notação da linguagem (Ducrot e Todorov, 2007). Em sentido mais amplo, porém, a escrita é bem mais que um sistema de notação. Dela se depreende um vasto universo que vai desde o desenvolvimento de recursos tecnológicos como o suporte (peças em argila, papiro, rolos, papel, computador etc.) e o instrumento de registro (carvão, caneta, teclado etc.), aos mecanismos de aprendizagem do sistema gráfico (alfabetização) e ao processo de significação e atribuição de sentidos (percepção, memória social, funções cognitivas, *locus* social etc.).

Os historiadores Gilles e Daumas, citados por Lemos (2020) já postulavam que a escrita, nas primeiras sociedades estruturadas, ao lado do desenvolvimento dos transportes, da metalurgia e da arte da guerra, constitui o primeiro sistema técnico coerente da humanidade. É assim que Lemos (2020, p. 42) afirma que “é na Grécia clássica que a técnica, na sua acepção moderna, é gestada”.

Para Fischer (2009), apresentar uma definição que inclua todos os sentidos do termo “escrita” ao longo do tempo é algo difícil e, provavelmente, sem sentido. O autor utiliza a expressão “escrita completa”, a qual ele atribui três requisitos: ter como objetivo a comunicação; consistir-se de marcações gráficas artificiais feitas numa superfície durável ou eletrônica; relacionar-se convencionalmente a um sistema fonético ou a uma programação eletrônica. Desse modo, Fischer atribui grande relevância ao foneticismo sistêmico estabelecido pelos sumérios, mas já inclui o que, neste trabalho, denominamos “escrita digital”.

Crystal (2005) aponta quatro momentos relevantes para o que ele define como etapas da revolução da linguagem:

- a) a fala, surgida entre 30 e 100 mil anos atrás, de estruturação fonética, marcada pelo uso de variações vocais, acompanhadas de expressividade facial e corporal, e pela sincronidade, que gera a necessidade de retorno imediato e a possibilidade de alternância dos turnos de conversação entre os falantes;
- b) a escrita, cujo processo de sistematização teve início há cerca de 10 mil anos, caracterizada pela estaticidade e pela fixidez de uma sequência linear

que permite a assincronia nos processos de produção e recepção dos enunciados;

- c) as línguas de sinais, com história ainda obscura, cujos primeiros registros datam do século XVIII, que remetem a um deslocamento da origem fonética da linguagem;
- d) a internet, na década de 90 do século XX, com a mediação proporcionada pelo computador, que amplia as noções de sin- e assincronicidade, por alteração e dinamicidade dos ritmos interacionais.

Auroux (1992), ao conceituar os saberes epilinguísticos e metalinguísticos, afirma que o aparecimento da escrita deve ser visto como uma revolução tecnológica pelo seu papel decisivo no processo humano de refletir sobre a linguagem e sobre o processo de comunicação. O homem não usa a língua escrita apenas para ampliar sua possibilidade de comunicação. Ele a usa também, como necessidade de compreensão do próprio texto escrito, para a necessidade subsequente de análise linguística.

Lévy (2002) aponta, em decorrência do surgimento da linguagem, cinco estágios de desenvolvimento da comunicação humana:

- a) a oralidade, que permitiu ao homem desenvolver o pensamento conceitual, por meio da possibilidade de questionar, de conceber as noções de tempo e memória e de dialogar;
- b) a escrita, que proporcionou a permanência das ideias, por uma espécie de “memória autônoma”, pelo caráter de maior durabilidade de um registro;
- c) o alfabeto, que complexifica o processo cognitivo de significação permitindo maior socialização de conhecimentos acumulados;
- d) a imprensa, pela possibilidade de reprodução em larga escala;
- e) o ciberespaço, considerado pelo autor como um ecossistema de ideias, marcado pela ubiquidade.

Santaella (2003, p. 25) delinea, em análise das implicações, para a sociedade, do advento da cultura virtual, seis eras culturais ou “formações culturais, para transmitir a ideia de que não se trata aí de períodos culturais lineares, como se uma era fosse desaparecendo com o surgimento da próxima”: a) a cultura oral; b) a cultura escrita; c) a cultura impressa; d) a cultura das massas; e) a cultura das mídias; f) a cultura digital. Não são passagens que se fazem em etapas pontuais, delimitadas cronologicamente, mas em “um processo cumulativo de complexificação”, em que uma nova formação se integra à anterior, provocando nesta “reajustamentos e refuncionalizações”.

Em todas essas abordagens, fica nítido que, tal como declara Fischer (p. 15), não podemos pensar em evolução da escrita. Segundo o autor, os

sistemas de escrita não mudam por si sós num processo natural; são elaborados deliberadamente ou mudados por agentes humanos – a partir de uma grande variedade de recursos – a fim de atingir uma série de objetivos específicos.

Daí nossa ênfase na ideia de revolução tecnológica, que nos leva a perceber uma trajetória de comunicação que avança de uma base fonética (o oral) para uma base mecânica (a escrita, a imprensa) e, posteriormente, para uma base eletrônica. Chegamos, assim, à escrita digital.

Conforme Santaella (2005), a revolução tecnológica que tem por base o processo digital, é ainda muito mais profunda que as revoluções tecnológicas geradas pela invenção do alfabeto e da imprensa. Para a autora, a linguagem verbal escrita é também uma linguagem visual. Por si só, ela já é, portanto, híbrida. No ambiente multimidiático, em que a capacidade de armazenagem e de organização reticular de informações é aparentemente ilimitada, essa hibridização torna-se multidimensional.

Lemos (2020, p. 70) ainda destaca que as novas formas de publicação do ambiente multimidiático fazem com que a obtenção de uma informação aconteça de modo independente a sua transmissão. Segundo o autor, “a liberdade de navegação do usuário desestabiliza distinções clássicas entre leitor e autor”. Acrescentamos que a desestabilização alcança também a noção de unidade textual.

A complexidade da escrita digital talvez se explique pelo fato de que as representações em formato digital estão sendo aplicadas em um mundo ainda analógico. Analógica é, na realidade, nossa forma de concepção das quantidades – pelo próprio paradigma da ciência moderna – que nos leva a conceber um mundo em moto contínuo, linear e sequencial. A representação digital opera por meio de funções discretas, em saltos (sinais discretos binários), que substituem a linearidade pela possibilidade de ramificação. A organização é reticular, a partir de várias entradas e conexões múltiplas (*links*).

Para os analistas das TDIC, os avanços tecnológicos oriundos da computação levaram ao surgimento, no final do século XX, de

um novo tipo de comunicação via Internet que não é nem a linguagem escrita, nem a linguagem falada, e que subleva as regras do mundo da escrita, usando abreviaturas de palavras e vários recursos gráficos para tornar vivo e falado o que está escrito na tela do computador (Leite, 2005, p. 8).

A interface gráfica que permite a comunicação mediada pelo computador traduz uma série de processos mecânicos e eletrônicos de codificação e decodificação e pode, assim, ser interpretada também como um instrumento linguístico. Se o surgimento da imprensa foi fator decisivo para a gramatização, podemos afirmar que a escrita digital tem exercido papel similar pela sua contribuição para o desenvolvimento dos saberes metalinguísticos.

Desse modo, e considerando também os aspectos ideológicos e culturais e a contextualização das práticas sociointerativas, a escrita digital instaura uma transformação nas técnicas de produção e reprodução de textos bem como nos mecanismos de recepção e de atribuição de sentidos.

3 A TRANSTEXTUALIDADE NO CIBERESPAÇO

As práticas sociais de linguagem da atualidade permitem a produção de enorme gama de gêneros textuais, os quais requisitam suporte e tecnologia adequados, e tornam possível a coexistência das escritas quirográfica, tipográfica e digital. Após o advento e a expansão da internet, foi se consolidando o termo cibercultura, que se instala em uma nova dimensão, denominada ciberespaço. Costa (2010: 3) considera que o ciberespaço é constituído “por dois mundos indissociáveis e mutuamente influenciáveis: o mundo virtual (*on line*) e o mundo real (*off line*)”. Outro termo que vem se consagrando é cibridização, que, para Costa, neste mesmo artigo, “se refere aos espaços em que o real e o virtual se interconectam em redes exponencialmente ilimitadas. “A cultura cíbrida, portanto, se compõe de elementos do mundo físico e do mundo digital e produz “gêneros de textos híbridos” (Costa 2010: 2).

Santaella (2005, p. 20), ao expor sua teoria das três matrizes lógicas da linguagem e do pensamento – verbal, visual e sonora – “a partir das quais se originam todos os tipos de linguagens e processos sógnicos que os seres humanos, ao longo de toda a sua história, foram capazes de produzir”, constata que a corporificação das linguagens resulta sempre de um processo de hibridização.

Desse modo, questionamos o que vêm a ser esses textos híbridos produzidos no ou para o ciberespaço. Há, ao longo da história da Linguística, várias abordagens acerca do conceito de texto. Grosso modo, observamos que a conceitualização do termo está centralizada no texto ora como produto ora como processo. Em ambos os focos, o conjunto de elementos que o caracterizariam como tal é denominado textualidade. Esse conjunto traduz, por assim dizer, o que é específico do texto e aponta para a conexão de conceitos como contexto, contexto, entre outros.

Podemos dizer que o texto, seja este visto como uma configuração de signos a que os falantes atribuem sentidos, como um artefato, em uma concepção funcional, ou em sua relação com o contexto, de modo mais dinâmico, agrega sempre algo para além do aparente limite de sua forma: a estrutura, o suporte, a tecnologia, o gênero, a historicização, a formação discursiva, os mecanismos de interação, entre outros.

Barthes (1980, p. 13) já propunha um tipo de textualidade em que

as redes são múltiplas e jogam entre si sem que nenhuma delas possa encobrir as outras; esse texto é uma galáxia de significantes e não uma estrutura de significados; não há um começo: ele é reversível; acedemos ao texto por várias

entradas sem que nenhuma delas seja considerada principal; os códigos que ele mobiliza perfilam-se a *perder de vista*, são indecidíveis (o sentido nunca é aí submetido a um princípio de decisão, a não ser por uma jogada de sorte); os sistemas de sentido podem apoderar-se desse texto inteiramente plural, mas o seu número nunca é fechado, tendo por medida o infinito da linguagem.

De forma similar, Foucault (2008) salienta as fronteiras imprecisas do texto, ao abordar a possibilidade de redes de referência organizadas em ligações conceituais. Também Derrida (2010) propõe a anulação das fronteiras sugerindo o abandono de sistemas conceituais baseados em noções de centro, margem, hierarquia e linearidade, em prol da multilinearidade.

Hanks (2008, p. 125), ao sintetizar os panoramas que se desenharam ao longo da história linguística tendo o texto como objeto de estudo, afirma:

O deslocamento da ideia de artefato linguístico delimitado para a ideia de processo ilimitado de interação entre leitor, texto e autor, tem várias consequências. Uma delas é o foco da atenção no engajamento ativo do leitor na constituição do próprio texto, suscitando, assim, questões interessantes sobre a resposta do leitor, sobre a recepção e sobre o equilíbrio entre o que é dito no texto, o que não é dito mas disponível, e o que deve ser construído. Outra consequência é estender a noção de texto para além de seus limites originais, transformando, com efeito, tudo na vida em objeto de interpretação e, conseqüentemente, em "texto".

Assim, não mais sob a visão estática de produto, mas, por um foco sociointerativo, consideramos o texto sob a perspectiva de Beaugrande (1997), ou seja, como um evento comunicativo no qual convergem ações tanto linguísticas quanto sociais e cognitivas.

São considerados processos cognitivos a percepção, a consciência, a memória e a aprendizagem. Por meio da cognição, podemos conceptualizar a realidade, realizar inferências, universalizar propriedades invariáveis, abstrair, organizar objetos em categorias, organizar e reorganizar objetos e categorias e, por fim, traduzir essa realidade em símbolos verbais. As operações cognitivas, associadas às operações linguísticas permitem a expressão dos sentidos produzidos na interação com o mundo, seja quanto aos aspectos biológicos e físicos, seja quanto aos aspectos psicológicos e socioculturais.

Conforme Novais (2008, p. 34), os avanços tecnológicos movimentam e são movimentados pelas mudanças epistemológicas. Assim, a comunicação mediada por computador provoca uma transformação substancial na relação com a escrita e com o modo de significação, a começar pela disposição textual. Nesse sentido, a escrita digital gera alterações na reorganização categorial das relações entre autor, leitor e texto.

A ampliação do acesso ao mundo digital levou os cientistas da computação a se preocuparem com a usabilidade dos aplicativos e a criação de interfaces amigáveis, mais intuitivas. Formulamos, desse modo, a partir do exposto, outra questão: a interface

gráfica, materializada na tela do computador, é apenas suporte textual ou é parte da textualidade de um texto que se faz mediado por uma interface e também manipulado por ela? Consideramos que é na busca de uma resposta para essa indagação, ainda que intuitivamente, pressupondo-a não formulada à época, que se empregou, para o fenômeno do “texto em ambiente virtual”, o nome hipertexto (Luz-Freitas, 2010).

Em primeiro lugar, precisamos salientar que o meio virtual é ambiente para a veiculação de textos muitas vezes como transposição, mantendo as mesmas características de veiculação em suporte manuscrito ou impresso. Nessas circunstâncias, o computador é apenas veículo e sua tela, o suporte. Outras tantas vezes, porém, ele é, mais que ambiente virtual, *locus* para a criação e a recriação em novas combinações de elementos tecnolinguísticos.

Assim, compartilhamos com Novais (2008, p. 35) a possibilidade de pensar na interface como texto. Segundo a pesquisadora,

mais comumente tratada como suporte para materialização de textos de natureza diversa, a interface pode (...) assumir o status de texto a ser lido, processado, interpretado. (...) E exatamente por mediar a construção de sentidos no ambiente digital, provendo possibilidades de significação tanto para os designers (autores) quanto para os usuários (leitores) (...) é que a interface gráfica de usuário pode se materializar como texto. Dessa forma, a interface é um texto, assim como qualquer texto é interface: ponto de contato entre o autor e o leitor.

A interface gráfica é, a nosso ver, instrumento linguístico, exatamente por sua função mediadora na construção de sentidos, e elemento constituinte do hipertexto, por sua função tecnológica de promoção das conexões que caracterizam a escrita digital.

Para Ceia (2010, p. 1), “o hipertexto é uma forma não linear de apresentar a informação textual, uma espécie de *texto em paralelo*², que se encontra dividido em unidades básicas, entre as quais se estabelecem elos conceptuais.”

Marcuschi (2007, p. 146) relata:

O termo hipertexto foi cunhado por Theodor Holm Nelson em 1964, para referir uma escritura eletrônica não sequencial e não linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas em tempo real.

Landow (1995) concebe o hipertexto como a soma das *lexias*³ e das conexões eletrônicas a elas associadas por organização reticular. Ele seria fundamentalmente intertextual e infinitamente recentrável. Landow (1995) diz que Nelson, ao empregar a palavra hipertexto pela primeira vez já se referia a uma forma de texto eletrônico, uma

² Destaque em itálico dado pelo autor.

³ Em sentido próximo ao atribuído por Barthes, *lexias* são blocos de textos interligados semanticamente e vistos como aparato que cerca um texto. As interligações se fazem como remissões, por ícones inseridos eletronicamente, termos-chave, marcação de fragmentos, dentre outros.

tecnologia radicalmente nova e um modo de publicação. Nossa terceira questão é formulada pelo que decorre de tal definição, salientando as expressões “tecnologia nova” e “modo de publicação”: O hipertexto potencializa o texto, por meio de uma técnica, um processo de hipertextualização?

Esse campo semântico que vimos se formando – textualidade, hipertextualidade, intertextualidade –, somado à necessidade apontada por Landow (1993) de que a Teoria da Crítica Textual deveria teorizar sobre o hipertexto, fez-nos direcionar nosso foco para o fenômeno da transtextualidade, abordado por Genette (1982), e correlacioná-lo a nossos estudos sobre a escrita digital.

Para Genette (1982, 1992), o hipertexto é uma dentre as cinco possibilidades transtextuais:

- a) intertextualidade – uma das formas mais visíveis e, talvez por isso, a mais explorada nas análises textuais, compreende as referências, as citações e as alusões que se fazem acerca de um texto em outro;
- b) paratextualidade – diz respeito aos textos, de certa forma complementares, que acompanham um texto principal, como por exemplo, prefácio e notas de rodapé;
- c) metatextualidade – engloba-se nesse conceito a existência de textos que surgem como comentários de um texto anterior;
- d) arquitextualidade – aborda o texto em relação ao estatuto a que pertence, que permite sua classificação;
- e) hipertextualidade – abrange as relações que unem um texto a outro (hipertexto e hipotexto).

No entanto, constatamos que, mesmo havendo em Genette a ideia do texto em paralelo, há uma diferença entre o conceito genettiano, no qual se percebe um apagamento premeditado de um texto por outro, e o conceito eletrônico de hipertexto, que pressupõe o diálogo intertextual sem que haja alguma absorção. Segundo Ceia (2010, p. 1), mais que o conceito de hipertexto exposto por Genette, o conceito mais englobalizador de transtextualidade, “ou seja, a transcendência textual do texto” está mais próxima das características gerais do hipertexto eletrônico, “que é, acima de tudo, uma possibilidade universal de diálogo de um texto original com outros textos ocultos, mas inter-relacionados e disponíveis para estabelecer qualquer relação lógica de significação”.

De fato, constatamos, no hipertexto eletrônico, a presença de:

- a) metatextos – por exemplo, na inserção de comentários que podem ser redigidos por diversos leitores que começam a interagir entre si e com o

- autor, que se torna também leitor, bem como na produção textual resultante do uso de funções de determinada rede social⁴;
- b) paratextos – exemplificados por janelas que se abrem para uma explicação ou instrução (o *link* pode estar em uma palavra ou expressão desconhecida ou incomum ou mesmo ser representado por um ponto de interrogação, como ícone) ou a inserção de anexos e notas acessados por meio de *links* ou mesmo *gadgets* e *widjets* inseridos como funcionalidades em uma página eletrônica;
 - c) intertextos – pela ocorrência de *links* que remetem a textos citados explícita ou implicitamente;
 - d) arquitextos, observados, por exemplo, nas *tags*⁵.

Chamamos a atenção para dois aspectos que merecem ser levados em consideração: o primeiro relacionado à própria organização hipertextual e o segundo, à abrangência e à extensão do conceito de hipertexto.

Para abordarmos o primeiro aspecto, resgatamos o conceito de *docuverse*, formulado por Nelson para designar a concepção de uma biblioteca eletrônica global de documentos interconectados e que, de certa forma, se materializou na HTML (*HyperText Markup Language*) e nos protocolos de informação URL (*Universal Resource Locator*). Embora se concretizem como hipertexto, estes não sintetizam todas as possibilidades hipertextuais. Corre-se o risco de interpretar o hipertexto como um grande ficheiro ou um motor de busca. É preciso pensar o hipertexto como “um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço” (Marcuschi, 2007, p. 146).

Também, pelo uso intensivo de sinais linguísticos ou não, é possível interpretar o hipertexto como um texto repleto de *links*. O hipertexto não pode ser apenas um excesso de *links* e efeitos especiais. Os *links*, em sua visualização imediata, são pontos que levam de uma página a outra, de um tópico a outro. É preciso, para que funcionem como unidades discretas de leitura que eles sejam como conectivos – com forma, função e sentido – que aproximem lexias dispersas e reconfiguradas. O hipertexto deve ser uma série de textos atomizados, com tratamento visual igualitário, em que os conceitos de centro, margem e linearidade são substituídos pelos conceitos de nós, *links* e redes (Landow, 1995).

Quanto ao segundo aspecto, comentamos a possibilidade de os textos, de uma forma geral, independentemente do espaço virtual, serem vistos em um

⁴ O caso de RT (retweet) na rede social Twitter e das opções *gostei*, *não gostei*, *curtir*, *favoritar* em redes como Youtube e Facebook, por exemplo.

⁵ *Tags* são etiquetas que servem de orientação para que um programa robô classifique a página e a coloque em uma ou várias listas.

processo multilinear, em que se concebe sua escritura e sua leitura como movimentos transtextuais. O fenômeno da transtextualidade pode ser observado nas relações dialógicas tanto internas quanto externas de uma obra. É o caso, por exemplo, das remissivas em dicionários e enciclopédias (paratextos) e das citações de uma obra em outra (intertextos). Destacamos também as relações dialógicas entre autor e leitor e entre gêneros discursivos, de modo síncrono ou ainda assíncrono. Nesse sentido, citamos *Cartas a um jovem poeta*, em que há um primeiro movimento de escritura, as dez cartas trocadas entre o escritor tcheco Rainer Maria Rilke e o jovem Franz Kappus, um segundo movimento, a compilação da correspondência em um livro, e um terceiro movimento, a criação de uma peça teatral homônima, adaptada e interpretada por Ivo Müller em 2019, no Brasil (metatextos).

Ousamos ainda afirmar que, nas práticas sociais de linguagem, um enunciador pode incluir em seus enunciados hipotextos dos quais tomou conhecimento por meio da memória social, como as parêmias e as reminiscências de materiais escritos, tendo estes sido lidos ou não. Quanto a esta última forma, lembramos, por exemplo, a inserção discursiva, ainda que de modo superficial, de excertos famosos como “ser ou não ser” ou “e agora, José?”.

A transtextualidade permite, desse modo, inúmeras possibilidades de construção e desconstrução da escrita, e o ambiente digital proporciona, como explica Nascimento *et al.* (2004, p. 285) maior “integração em rede de todos os espaços de referência instaurados no processo discursivo. Os termos “autor” e “leitor” ressignificam-se. São também ressignificadas as noções de propriedade. O leitor é visto como um usuário, que pode ser convidado, de acordo com as ferramentas de interação, a tornar-se um produtor de texto (adicionando comentários) ou um distribuidor (compartilhando links).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação da formação de um conceito e de sua materialidade exige o estabelecimento da relação entre o significado conceitual e os processos cognitivos, que permitem a elaboração do conhecimento. Desse modo, buscamos evidenciar as relações conceituais entre o termo “escrita digital” e os fenômenos transtextuais.

A exploração do conceito de hipertexto, que começa a ganhar espaço nas pesquisas nos anos 1990, com a popularização da internet, conduz ao estudo da transtextualidade e das relações entre autor, texto e leitor. Essas relações resultam de processos cognitivos, linguísticos e sociais que vêm se alterando no ciberespaço.

Percebemos, assim, a confluência de conhecimentos advindos da Linguística Textual e da Teoria da Crítica Textual com conhecimentos necessários para a compreensão

da cibercultura e da escrita produzida e inserida no ciberespaço. A cibridização, mais que uma característica dessa produção, instaura novas formas de relação com a escrita e, conseqüentemente, com o texto.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- BARTHES, R. S/Z. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BEAUGRANDE, R. *New Foundations for a Science of Text and Discourse*. Norwood: Ablex, 1997.
- CEIA, C. *E-Dicionário de termos literários: hipertexto*. 2010. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/hipertexto>
- COSTA, S. R. Produção e recepção de gêneros de texto do/no discurso cibercultural. *Revista Eutomia*, Ano III, v. 1, jul. 2010.
- CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DERRIDA, J. *A Escritura e a Diferença*. Trad. Maria B. M. Nizza da Silva et al. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982.
- GENETTE, G. *O arquitrato: uma introdução*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social*. São Paulo: Cortez, 2008.
- LANDOW, G. P. *Hipertexto: La Convergencia de la Teoría Crítica Contemporánea y la Tecnología*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1995.
- LEITE, Y. Os desafios do século XXI. In: Crystal, David. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 8.ed. Porto Alegre: Sulina. 2020.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.
- LUZ-FREITAS, M. S. Leitura e produção de texto acadêmico: o blog como ferramenta tecnológica e suporte textual. In: *Anais do II SIMELP*. Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. p.19-34. Évora: Universidade de Évora, 2009a.
- LUZ-FREITAS, M. S. Hipertexto e interlocução no espaço virtual: o redesenho das relações entre locutor e alocutário. *Anais do 5º Simpósio Internacional de Letras - 5º SINL*. São Lourenço; Três Corações: Unincor, 2009b.

LUZ-FREITAS, M. S. Interlocução em espaços virtuais. *Anais do XIV Congresso de Filologia e Linguística*. Rio de Janeiro: Cifefil/UERJ, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

NASCIMENTO, M. Texto e hipertexto: referência e rede no processamento discursivo. In: *Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.

NOVAIS, A. E. C. *Leitura nas interfaces gráficas de computador: compreendendo a gramática da interface*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SANTAELLA, L. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-moderno. *Revista Famecos*, n. 22. p. 23-32, Porto Alegre, dez. 2003.

SANTAELLA, L. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia*. São Paulo: Iluminuras e FAPESP, 2005.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 13, 24, 39, 43, 48, 90, 131, 145, 148, 149, 150, 154, 158, 159

Autoritarismo 42, 126, 128, 129, 135, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 147

C

Ciberespaço 22, 23, 24, 25, 27, 32, 33

Cognition 49

Competências linguísticas 174

Comunicação social 1, 62

Conto 84, 85, 86, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96

Cortesía verbal 161, 162, 168, 173

Cultura indígena 148, 149, 150, 156, 157, 159

D

Diário Gaúcho 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11

(Des)rostificações 107, 110

E

Educação 23, 62, 84, 85, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 106, 148, 149, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 174, 176, 183

Embodiment 49

Encobrimentos 107, 110

Ensino 23, 84, 85, 87, 89, 91, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 125, 149, 154, 159

Ensino Fundamental 84, 87, 89, 91, 95, 99, 101, 148, 151, 153, 154, 159

Escrita 12, 13, 14, 15, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 87, 88, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 127, 128, 131, 132, 162, 174

Escrita digital 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 32

Español 161, 162, 163, 165, 173

Ethos 126, 127, 128, 130, 131, 132, 135, 136, 140, 142, 143, 145

Exílio 115, 117, 124, 125

F

Formação crítica 84, 85, 86, 91

G

Género 27, 35, 37, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 92, 96, 99, 101, 130, 135, 137, 138, 140, 151, 163, 166

I

Imagem televisiva 12

Imagem-texto 35, 38, 40

Imprensa 3, 10, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 25, 26, 61, 76, 82, 134, 145, 160

L

Landrú 35, 36, 37, 40, 43, 45, 48

Leitura 12, 23, 31, 32, 33, 34, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 113, 125, 174

Lídia Jorge 115, 116, 117, 123, 124

Linguagem 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 66, 67, 71, 74, 78, 79, 86, 90, 97, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 110, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 139, 140, 143, 144, 150, 155, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Linguagem oral 174, 175, 176, 177, 182

M

Media 1, 2, 9, 12, 13, 21, 38, 45, 48, 61, 62, 63, 64, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 126, 147

N

Narrativa musical 12

Nino Cais 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114

P

Perceção auditiva 174, 175, 176, 177, 179, 180

Pragmalingüística 161, 172

R

Radiotelevisão Portuguesa 12, 14, 15

T

Teolinda Gersão 115, 116, 117, 122, 124

Tía Vicenta 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48

Transtextualidade 22, 23, 24, 27, 30, 32

V

Voice 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 60

W

WhatsApp 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 11, 134